

Infâncias plurais e o cuidado de enfermagem

Climene Laura de Camargo¹  <https://orcid.org/0000-0002-4880-3916>

Em um país de extensão continental, como é o caso do Brasil, é natural que tenhamos acentuadas diferenças regionais, da fauna, da flora e culturais, que impactam nas diversas formas de ser e viver da nação brasileira. Além dessas diferenças, temos também as de classe, raça e gênero, que, em uma sociedade capitalista, racista, classista e xenofóbica, fazem com que elas sejam o cerne das desigualdades, ou seja, um modo diferente de ser e estar no mundo estabelece relações hierárquicas de poder, e o diferente é visto e tratado como inferior.

E quem é o diferente? Diferente em relação a quem? Quem são os modelos étnicos que temos por balizadores, a quem queremos nos igualar? Quais os valores e caminhos que nos norteiam? Essas perguntas podem estar na gênese dos problemas sociais que enfrentamos. Porém, se não temos respostas claras, temos a certeza de que existem modos diferentes de nascer, crescer e morrer, os quais extrapolam as diferenças regionais e culturais do nosso povo e estão diretamente ligados às condições de desigualdade que vivemos.

Existem aqueles que, antes mesmo de nascerem, já são considerados inferiores, e que “a parte que lhes cabem deste latifúndio”, no presente e no futuro, serão os papéis de subalternidade, tendo como pano de fundo a falta de acesso aos bens e serviços públicos, a falta de instrução, a insegurança alimentar e a falta de moradia de seus pais ou responsáveis, o que os colocará em risco de vida, desde a tenra idade. Essas condições de nascimento geralmente perpetuam-se em todas as fases do crescimento infantil, de uma significativa parte da população brasileira. Em contrapartida, as normas e os protocolos desenvolvidos para o cuidar infantil são geralmente elaborados com base em parâmetros de normalidade de uma infância idealizada.

As diferenças culturais e étnicas também originam condições de nascer e crescer diferentes. Nascer em comunidade indígena, cigana, quilombola e/ou ribeirinha ou em um grande centro urbano certamente determinará distintas experiências de infâncias, que impactarão diretamente nas condições de vida dessa criança e, conseqüentemente, em seu padrão de desenvolvimento humano. Contudo, se consideramos um único estilo de vida e infância para balizar as

Como citar:

Camargo CL. Infâncias plurais e o cuidado de enfermagem[editorial]. Rev Soc Bras Enferm Ped. 2024;24:e-edt1.

¹Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

Conflitos de interesse: nada a declarar.

Autor correspondente: Climene Laura de Camargo | E-mail: climenecamargo@hotmail.com

DOI: 10.31508/1676-379320240001edt

métricas do que denominamos condições de normalidade infantil, seguramente incorreremos em erro.

Essas diferenças tornam-se mais acentuadas quando nos deparamos com o racismo e a xenofobia, que estão incrustados na sociedade em que vivemos e determinam tratamento desigual a quem não é branco ou cis, impactando negativamente nas condições de saúde de nossas crianças e da população brasileira em geral.

Assim, faz-se necessário entender que os modos de viver a infância são diversos, o que exige um cuidar/cuidado equânime. Para tanto, temos que nos debruçar em saber quem são nossas crianças, quem somos e onde guardamos nossos preconceitos, para podermos identificar e reconhecer os saberes e a potência de culturas diferentes.

Partindo dessa premissa, convidamos a todos e a todas a participarem do XI Congresso Brasileiro de Enfermagem Pediátrica e Neonatal (CBEPN), que trará como tema central as “infâncias plurais” e oferecerá oportunidades de reflexões, debates e troca de conhecimentos para fortalecer a práxis da enfermagem com enfoque na diversidade.